



PALAVRAS E OBRAS NA REVELAÇÃO.

*Maria Helena Guerra Pratas** - Instituto Superior de Educação e Ciências.

Resumo: Tanto no Novo como no Antigo Testamento, a Revelação dá-se-nos em forma de palavras e de obras, de factos, cuja significação costuma ser compreendida pelo acontecimento da palavra. Sem a palavra que interpreta o acontecimento e o seu significado salvífico, e o propõe à fé, não há Revelação em sentido pleno. Embora na obra de São Tomás não existam escritos relevantes especificamente sobre a conveniência da união de palavras e de factos na economia reveladora, podemos reflectir sobre ela - ainda que brevemente - a propósito da economia sacramental; os motivos que se assinalam para esta podem aplicar-se analogamente à Revelação, pois tanto a economia sacramental como a dinâmica da Revelação se referem ultimamente - são participação - à Revelação e ao "Sacramento" em plenitude que é o Verbo Encarnado.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, Sagrada Escritura, Verbo Encarnado, Palavras e Obras na Revelação.

Abstract: Both in the New and in the Old Testament, divine Revelation was handed down through words and deeds, through the deeds of the work of salvation, which are more profoundly understood by the deeds of the words. Without the word which penetrates the work and explains it to the faith, there is no complete fulfillment of Revelation. Although Saint Thomas didn't write specifically about the convenience of the union from works and words in the divine Revelation, we may reflect upon it, by analogy, because both the economy of Sacraments and the economy of Revelation are ultimately referred to the mystery of the Incarnate Word, who is both the divine Revelation and the "Sacrament".

Keywords: Saint Thomas of Aquinas, Holy Scripture, Incarnate Word, Works and Words in Revelation.

1. HARMONIA DE ACÇÕES E PALAVRAS E OBRAS NA ECONOMIA REVELADORA.

Na Sagrada Escritura - que é uma “certa luz a modo de raio derivado da

* Maria Helena Guerra Pratas é Doutora em Teologia pela *Pontificia Università della Santa Croce*, Roma, Itália, Professora Coordenadora do Departamento de Ciências da Educação do ISEC e Vice-Presidente do Conselho Científico do ISEC, em Lisboa, Portugal.

Verdade Primeira”¹, como diria Tomás de Aquino - desvela-se-nos o plano divino da salvação, o mistério do acontecer histórico e da ordem universal ao fim².

Assim como o homem utiliza as palavras como signos transmissores de conhecimentos, Deus, Senhor do cosmos e da história, tem em seu poder usar não só as palavras, mas todas as criaturas do universo - no seu ser e no seu devir - em ordem aos seus desígnios de Revelação. Só Deus, que governa tudo com a sua Providência, pode ordenar a história no seu curso, de modo que os factos adquiram um múltiplo valor revelador³.

¹ TOMÁS DE AQUINO, *In de Div. Nom.*, c.1, lc.1, n.15: "Veritas enim sacrae Scripturae est quoddam lumen per modum radii derivatum a prima Veritate".

² Cfr. DANIELOU, J. (1953) *Essai sur le mystère de l'histoire*. Paris: Ed. du Seuil, p.81. Relativamente a uma filosofia ou uma teologia da história em São Tomás pode ver-se, por exemplo, BOYER, C. (1935) *Il concetto di storia nell'idealismo e nel tomismo*. Roma: Studium, pp.55-79; CHIFFLOT, T. (1960) *Saint Thomas d'Aquin et l'histoire* in *Approches d'une théologie de l'histoire*. Paris: Du Cerf, pp.73-104; HORST, U. (1961) «Über die Frage einer heilsökonomischen Theologie bei Thomas von Aquin. Ergebnisse und Probleme der neueren Forschung» in *Münchener Theologische Zeitschrift* 12, pp.97-111; MARC, A. (1961) «Approches thomistes de l'historicité» in *Ami du Clergé* 71, pp.529-535; GRENET, P.B. (1961) «Place de l'élément historique dans la Somme Théologique de Saint Thomas d'Aquin» in *Bulletin du Cercle Thomiste Saint-Nicolas de Caen* 18, pp.40-48; HAYEN, A. (1962) «Le thomisme et l'histoire» in *Revue thomiste* 70, pp.51-82; BACKES, I. (1963) «Heilsgeschichte in der Gotteslehre des heiligen Thomas von Aquin» in *Trierer Theologische Zeitschrift* 72, pp.23-38; SECKLER, M. (1964) *Das Heil in der Geschichte. Geschichtstheologisches Denken bei Thomas von Aquin*. München: Kösel Verlag; trad. francesa: SECKLER, M. (1967) *Le salut et l'histoire. La pensée de Saint Thomas d'Aquin sur la théologie de l'histoire*. Paris: Du Cerf; BAGET-BOZZO, G. (1967) «San Tommaso e la Teologia della storia» in *Renovatio* 2, pp.95-119; CHENU, M.D. (1974) *Création et Histoire* in *St. Thomas Aquinas 1274-1974. Commemorative Studies*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, v.II, pp.391-399; CORVINO F. (1975) «Tommaso d'Aquino e il problema della storia» in *Incontri Culturali* 8, pp.169-183; MEINHOLD, P. (1976) *Zur Auffassung des hl.Thomas von Aquin von der Geschichte, insbesondere der Heilsgeschichte. Die Auseinandersetzung mit der Geschichtstheologie des Joachim von Fiore* in *Tommaso d'Aquino nel suo VII centenario*. Napoli: Ed. Domenicane Italiane, v.III, pp.156-158; SCHMAUS, M. (1976) *Das Dynamische in der Erlösungslehre des hl.Thomas von Aquin* in *Tommaso d'Aquino nel suo VII centenario*. Napoli: Ed. Domenicane Italiane, v.IV, pp.194-213; MAURER, A.A. (1979) *St. Thomas and history*. Milwaukee: Marquette Un. Press; CHIOCCHETTA, P. (1981) «Suggerimenti tomiste sul `senso della storia» in *Euntes Doctae* 34, pp.221-234. Cfr. BIFFI, I. (1971) «Saggio bibliografico sui misteri della vita di Cristo in S.Tommaso d'Aquino» in *Scuola Cattolica* 99, *Suppl.Bibl.*, pp.175-238.

³ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *Quodl.* VII, q.6, a.3 (16), c.: "Sic autem ordinantur res in cursu suo, ut ex eis talis sensus possit accipi, quod eius solius est qui sua providentia res gubernat, qui solus Deus est. Sicut enim homo potest adhibere ad aliquid significandum aliquas voces vel aliquas similitudines fictas, ita Deus adhibet ad significationem aliquorum ipsum cursum rerum suae

A economia da Revelação realiza-se por meio de acções e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que “as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta Revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a Revelação”⁴.

Analogamente a como sucede nas relações humanas, também Deus se comunica ao homem de múltiplas formas. Ao dirigir-se à criatura racional, composta de carne e de espírito, imersa na temporalidade, Deus utiliza as vias da encarnação, da palavra e da história.

Toda a sabedoria - participação da Sabedoria divina, que é o Verbo - nos chega, nesta vida, através dos sentidos. Deus comunica-nos a sua ciência por palavras – sons - e por coisas ou factos visíveis. Tanto no Novo como no Antigo Testamento, a Revelação dá-se-nos em forma de palavras e de obras, de factos, cuja significação costuma ser compreendida pelo acontecimento da palavra. Sem a palavra que interpreta o acontecimento e o seu significado salvífico, e o propõe à fé, não há Revelação em sentido pleno.

A proporção entre obras e palavras pode variar muito: umas vezes prevalecem as palavras e outras vezes prevalecem os factos. Nesta divina pedagogia, há às vezes simultaneidade da obra e da palavra; nalgumas ocasiões, a palavra precede o acontecimento - é o caso das profecias de futuro - e outras vezes o evento precede a palavra - que depois explica -, ou o acompanha inseparavelmente - por exemplo na criação do universo -. A união de palavras e acontecimentos na

providentiae subiectarum". Sobre a Providência divina como fundamento dos vários sentidos da Sagrada Escritura, cfr. MAILHIOT, M.D. (1959) «La pensée de S.Thomas sur le sens spirituel» in *Revue thomiste* 59, pp.621-622.

⁴ CONC. VATICANO II, Const. *Dei Verbum*, n.2. Como é sabido, à afirmação da prioridade do elemento histórico da Revelação e da Salvação, corresponde por vezes um esquecimento da dimensão doutrinal da Revelação, de um modo mais ou menos característico do pensamento teológico da Reforma protestante, incluído Oscar Cullmann. Pannenberg, pensador central do círculo de Heidelberg, chega à identificação entre Revelação e acontecimento histórico, identificando História e realidade em sentido hegeliano. Este facto - entre outros - manifesta a necessidade teológica de manter uma adequada relação entre palavras e factos, para uma válida teologia da Revelação.

Revelação é, pois, constante, mas não sempre simultânea no tempo⁵.

2. LUZ E SIGNOS NA REVELAÇÃO.

Usualmente, a apresentação da doutrina da fé vai acompanhada de signos exteriores: a doutrina confirmada pelos signos e a luz sobrenatural - que induz ao assentimento - são os elementos necessários - dados por Deus - em ordem ao acto de fé⁶. Signos externos e iluminação interior constituem realidades complementares, como duas dimensões da Palavra de Deus.

Os diversos tipos de signos - podem ser palavras, imagens, acontecimentos da história, conduta das pessoas, etc.- assemelham-se, de certo modo, à matéria, enquanto que a iluminação divina pode ser considerada o elemento formal da Revelação⁷.

Aquele que recebe de Deus a luz sobre o significado de um facto, transmite-o depois aos outros homens mediante a palavra. Assim, na economia da Revelação, palavras e factos conjugam-se harmonicamente num mesmo desígnio revelador; não se apresentam nunca como elementos antitéticos - nem exclusivos - da função reveladora. Ambos são signos que conduzem, em íntima união, à realidade que significam, como veículos transmissores de um conteúdo que supera infinitamente todo o conjunto dos signos⁸.

3. PALAVRAS E ACÇÕES NA REVELAÇÃO DO ANTIGO TESTAMENTO.

Na Sagrada Escritura Deus manifestou as verdades ordenadas à salvação de dois modos: por palavras e acontecimentos históricos, autênticos, realmente sucedidos. A Bíblia não é uma exposição de doutrinas abstractas ou de mitos. A Revelação divina realiza-se na história e mediante a história. Para Tomás de Aquino, o sentido histórico é o fundamento⁹. Frente aos exageros de uma exegese

⁵ Cfr. LATOURELLE, R. (1969) *Teología de la Revelación*. Salamanca: Sígueme, pp.359-361.

⁶ Cfr. MENARD, E. (1964) *La Tradition-Révélation-Écriture-Église selon Saint Thomas d'Aquin*. Montréal: Desclée de Brouwer, pp.61-67.

⁷ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* II-II, q.171, a.3, ad 3. Para um desenvolvimento mais amplo deste tema, veja-se DUROUX, B. (1963) *La Psychologie de la Foi chez S.Thomas d'Aquin*. Paris-Tournai: 2ª ed. Desclée, pp.12ss; 136-137.

⁸ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *De Veritate*, q.12, a.7, ad 5: “signorum cognitio est via ducens ad res ipsas”.

⁹ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* I, q.1, a.10, ad 1.

com frequência excessivamente alegórica e fantasiosa, afirma a primazia do sentido literal e a necessidade de expor a Escritura em concordância com ele¹⁰. A historicidade, garantida pela inspiração e inerrância bíblica, é o ponto de partida, garantia indispensável de conhecimento verdadeiro, e São Tomás afirma-o claramente¹¹.

Em muitos dos factos do Antigo Testamento, a palavra iluminou todo o sentido do acontecimento séculos mais tarde, quando o Espírito se derramou com especial intensidade na plenitude dos tempos, através das declarações de Cristo e dos Apóstolos¹².

Por exemplo, o dilúvio não seria conhecido como figura – Revelação - do fim do mundo, sem a palavra de Cristo, ou como figura do Baptismo sem a palavra inspirada de São Pedro. Nem o seriam os acontecimentos do Êxodo sem a palavra de Moisés, ou do autor da Carta aos Hebreus, no que diz respeito à sua significação sacramental. Esta plenitude de significado é exclusiva do Autor divino¹³.

Na procura dos sentidos mais profundos da Escritura, o primeiro passo consiste em estabelecer bem o sentido literal ou histórico, que é o fundamento. Como seria possível conhecer o significado profundo sem conhecer primeiro a realidade histórica?¹⁴.

Tomás de Aquino preocupa-se por definir as regras que orientam a leitura dos factos; estas não são resultado de uma interpretação arbitrária, fruto da subjectividade do exegeta, mas obedecem aos princípios gerais da exegese da Sagrada Escritura. O princípio básico é o da origem divina da Sagrada Escritura; aí se baseia a íntima coerência das verdades reveladas. Estas não se contradizem,

¹⁰ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *Quodl.* VII, q.6, a.1 (14), ad 1: "sensus spiritualis semper fundatur super litteralem, et procedit ex eo"; *S.Th.* I, q.1, a.10, ad 1.

¹¹ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* I, q.102, a.1, c.: "in omnibus autem quae sic Scriptura tradit, est pro fundamento tenenda veritas historiae".

¹² Cfr. MENARD, E. (1964) *La Tradition-Révélation-Écriture-Église selon Saint Thomas d'Aquin*. Montréal: Desclée de Brouwer, pp.136-137.

¹³ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* I, q.1, a.10, c.: "Quia vero sensus litteralis est, quem auctor intendit: auctor autem sacrae Scripturae Deus est, qui omnia simul suo intellectu comprehendit: non est inconveniens, ut dicit Augustinus XII 'Confessionum'(c.31), si etiam secundum litteralem sensum in una littera Scripturae plures sint sensus";

¹⁴ Cfr. MAILHIOT, M.D. (1959) «La pensée de S.Thomas sur le sens spirituel» in *Revue thomiste* 59 pp.643-645; CIPRIANI, S. (1976) *Riflessioni esegetiche su 'Super S.Ioannis Evangelium Lectura' di S.Tommaso* in AA.VV., *Tommaso d'Aquino nel suo VII centenario* cit., v.IV, pp.47ss; CONGAR, Y.M.-J. (1958) *Le sens de l' 'économie' salutaire dans la 'théologie' de S.Thomas d'Aquin* in *Festschrift Joseph Lortz*, Baden-Baden: B.Grimm, v.II, p.109.

muito pelo contrário: uns textos projectam luz sobre os outros e ajudam o leitor a uma mais profunda inteligência¹⁵. A realidade de que Deus é o Autor da Bíblia e de que governa os acontecimentos segundo o plano da sua Providência, determina o desenvolvimento progressivo da Revelação e a íntima harmonia dos dois Testamentos; fundamenta a interpretação espiritual e a interpretação cristológica do Antigo Testamento, iniciada por Cristo e ensinada por Ele aos Apóstolos, a quem abriu a mente para que entendessem as Escrituras (Lc 24, 44-45)¹⁶.

No Antigo Testamento as profecias são feitas, tanto mediante palavras, como através de factos históricos. Contudo, é sempre à luz da Palavra revelada e da Tradição - e à luz das declarações do Magistério da Igreja, intérprete e custódio da Revelação - que é possível desentranhar o valor revelador de tais acontecimentos¹⁷. A Revelação veterotestamentária encaminha-se progressivamente para o mistério do Verbo Encarnado - plenitude da Revelação - mediante palavras e factos, intrinsecamente unidos.

4. O VERBO ENCARNADO, PLENITUDE E PARADIGMA DA REVELAÇÃO.

A própria estrutura da Revelação, mediante palavras e acontecimentos, é um reflexo e uma participação dessa plenitude da Revelação que é o Verbo Encarnado. Poderíamos dizer que a Encarnação do Verbo é o paradigma da Revelação: “assim como o homem, quando quer revelar-se com a palavra do coração, que pronuncia com a boca, reveste de certo modo a sua palavra com letras ou com a voz, assim Deus, quando quer manifestar-se aos homens, reveste de carne no tempo o seu Verbo concebido desde toda a eternidade”¹⁸.

¹⁵ Está fora dos objectivos deste artigo a determinação das características da exegese do Aquinate. Cfr., por exemplo, REVUELTA, J. (1978) *Los comentarios bíblicos de Santo Tomás*. Pamplona: Eunsa; CIRILLO, A. (1988) *Cristo Rivoltore del Padre nel V angelo di S.Giovanni secondo il commento di S.Tommaso d'Aquino*, P.Un. a S.Thoma, Roma, pp.23-68. Sobre os princípios específicos da hermenêutica bíblica - os critérios teológicos ou dogmáticos - cfr. CASCIARO, J.M. (1983) *Exégesis bíblica, hermenéutica y teología* Pamplona: Eunsa, pp.115-119.

¹⁶ Cfr. CERFAUX, L. (1949) «*Simple réflexions à propos de l'exégèse apostolique*» in *Ephemerides theologicae Lovanienses* 25, pp.567ss.

¹⁷ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* II-II, q.1, aa.9 e 10. Cfr. ARANDA, G. (1986) *Magisterio de la Iglesia e interpretación de la Escritura in Biblia y Hermenéutica*. Pamplona: Eunsa, pp.529-562.

¹⁸ TOMÁS DE AQUINO, *Super Iohannem*, c.14, lc.2, n.1874, ed. Marietti: "sicut homo volens revelare se verbo cordis, quod profert ore, induit quodammodo ipsum verbum litteris vel voce, ita Deus, volens se manifestare hominibus, Verbum suum conceptum ab aeterno, carne induit in tempore".

Entre facto e palavra - em sentido amplo - não há fronteiras rígidas. A Palavra de Deus tem um valor dinâmico e noético: toma parte na história e conduz em ordem à salvação do homem. Faz conhecer a verdade e salva, em inseparável unidade.

A locução eterna de Deus é a geração da segunda Pessoa da Santíssima Trindade, ao mesmo tempo Palavra e Filho do Pai. A Revelação é um falar de Deus, que nos dá a conhecer a sua Palavra de muitas maneiras, mas sobretudo pela Encarnação: *Et Verbum caro factum est, Et habitavit in nobis. Et vidimus gloriam eius (...). Deum nemo vidit unquam. Unigenitus Filius, qui est in sinu Patris, Ipse enarravit* (Io 1, 14 e 18).

Como em qualquer locução, também aqui se dá um signo sensível: a humanidade do Verbo, a sua Encarnação.

5. DIMENSÃO FACTIVA E SIGNIFICATIVA DA VIDA E DA PALAVRA DE CRISTO.

O carácter doutrinal da Revelação aparece menos no Antigo Testamento, pois este não conheceu a palavra humana do Filho que enuncia o plano salvífico do Pai. A Encarnação precipita o ritmo da história: Deus fala no seu Verbo uma só vez e totalmente (Heb 1, 1).

A Revelação, que no Antigo Testamento se realizou ao longo dos séculos, difusamente, condensa-se na vida, acções e palavra de Cristo. É lógico que a Palavra do Verbo tenha um especial valor revelador, e uma especial eficácia. Com efeito, o próprio do Verbo é manifestar.

Cristo veio ao mundo para dar testemunho da verdade. Esse é o seu ofício próprio (cfr. Io 18, 37). Mediante a sua humanidade, ouvimos o próprio Verbo revelando o Pai e revelando a nossa união com Ele. Todas as palavras são pronunciadas pela humanidade de Cristo, como instrumento, mas derivam do Verbo, como de Ele derivam também todas as palavras dos homens¹⁹.

A Palavra de Cristo é já, em si mesma, acontecimento salvífico: ao ser pronunciada, actua externa e internamente, curando os corpos e sanando e iluminando as almas, o que é próprio de Deus, que com a sua Palavra criou todas as coisas: *Dixit, et facta sunt* (Ps 32, 9).

A Palavra divina é simultaneamente factiva e significativa, com uma eficácia semelhante à dos sacramentos, que primariamente fazem, e secundariamente

¹⁹ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *Super Ioannem*, c.14, lc.3, n.1893, ed. Marietti.

significam²⁰.

Mas também os factos da Palavra Encarnada são palavras – signos - para o homem. Cristo fala-nos - ensina-nos - com as suas palavras e com as suas obras. O Filho de Deus encarnou para revelar e assumiu todos os recursos da natureza humana em ordem a esse fim: as suas palavras, o seu ensinamento, os seus gestos e o seu comportamento, toda a sua existência, os mistérios da sua vida, e até a sua própria morte, tudo serve para este propósito.

Os Padres da Igreja gostavam de chamar a Cristo, Doutor: é o primeiro e principal Doutor, Mestre por excelência, que grava a sua doutrina nos corações. Só a Jesus Cristo - Sabedoria de Deus (1 Cor 1, 24) - compete por direito o título de Mestre; Jesus Cristo prega com as suas palavras e com as suas obras, mas, enquanto todos os outros mestres ensinam exteriormente, o divino Mestre fá-lo interiormente, transformando radicalmente os que acolhem a sua doutrina: conjugada com a acção exterior da palavra, a sua graça transforma e torna possível acreditar na mensagem proposta²¹.

Toda a vida de Cristo é uma cátedra: é cátedra em Belém, e é cátedra o Calvário, e certamente não o é menos que o seu ensinamento oral: a Encarnação, a Paixão e Morte, a Ressurreição, a Ascensão aos céus são acontecimentos que falam por si mesmos mais do que as palavras: os factos da vida de Cristo têm tal plenitude de sentido, que enunciá-los é expor a doutrina na qual acreditamos. Ao recitar o Credo, recapitulamos os acontecimentos com os quais Deus levou a cabo a salvação da humanidade; são eles que constituem o principal da doutrina.

Contudo, também os factos do cristianismo necessitam da palavra para a sua plena compreensão. Como entenderíamos a morte de Cruz, se o Filho do Homem não no-la tivesse esclarecido? Ou o mistério da Eucaristia? Se é verdade que o carácter histórico é o traço mais característico da Revelação cristã, seria inexacto afirmar que a história e a sua interpretação esgotam todo o conteúdo da Revelação.

²⁰ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *Super Matthaam*, c.26, n.2184, ed. Marietti: "verbum humanum est solum significativum, sed divinum significativum et factivum. Unde verba sacramentalia habent virtutem a virtute divina. Unde simul dicit, et ex virtute divina facit. Ideo non solum est illud verbum significativum, sed etiam factivum. Et primo facit, secundo significat". Cfr. LATOURELLE, R.. (1969) *Teología de la Revelación*. Salamanca: Sígueme, pp.481-483; para um estudo mais desenvolvido, veja-se ORDEIG, M.J. (1981) «Significación y causalidad sacramental según Santo Tomás de Aquino» in *Scripta Theologica* 13, pp.63-114.

²¹ DE LA POTTERIE, I. (1986) «La lettura della Sacra Scrittura `nello Spirito': il modo patristico di leggere la Bibbia è possibile oggi?» in *Civiltà Cattolica* 137, pp.209-223.

As palavras de Cristo acrescentam matizes, abrem perspectivas inalcançáveis com a simples contemplação dos acontecimentos. Em concreto, a Revelação do mistério da Trindade, leva-se a cabo mais pela palavra que pela história, ainda que também nos factos se manifeste o mistério trinitário.

A Revelação é, pois, inseparavelmente, história e doutrina, doutrina acerca de Deus, elaborada a partir das suas acções na história. Realiza-se pela voz e pelas acções, pelas palavras e pelos gestos que as encarnam e lhes dão vida.

Jesus Cristo ensina com palavras e com os factos, e a cada ensinamento que dá oralmente, justapõe a sua correspondente lição mediante as suas acções. Assim, antes ou depois dos momentos nos quais Jesus expõe uma doutrina, invariavelmente se descobre um acontecimento - com frequência, um milagre - que manifesta de um modo palpável o que expressam as suas palavras. Uma e outra vez, o Senhor mostra de uma forma sensível, com as suas acções - e também com exemplos ou parábolas - a doutrina que ensina: como se o seu ensinamento não fosse completo sem a actuação que o ilustra. As obras confirmam a veracidade da palavra de Cristo e conduzem à fé.

A ordenação dos factos à manifestação da doutrina, parece sugerir que nesta dinâmica, o primado pertence à doutrina, à palavra. O mesmo se insinua na analogia estabelecida entre a divindade de Cristo e a doutrina: *In quantum Verbum est, congruentiam habet ad officium praedicationis et doctrinae*²².

São Tomás retoma esta analogia ao tratar das relações entre palavra e acções a propósito dos sacramentos; segundo veremos, nesta reflexão explícita melhor o seu pensamento com respeito à íntima união dos dois elementos.

6. IGREJA, REVALAÇÃO E SACRAMENTALIDADE.

A História Sagrada, as suas etapas, o seu progresso, explicam-se em função da Revelação e da sua transmissão. O divino Mestre vai conduzindo os homens progressivamente ao conhecimento da Verdade²³. Também o sentido mais profundo do tempo da Igreja post-apostólica, reside no do anúncio do

²² TOMÁS DE AQUINO, *In III Sent.*, d.1, q.2, a.2, c. Acerca do tema da relação entre palavras e factos e a primazia de umas ou de outros na teologia contemporânea, veja-se CITRINI, T. (1969) *Gesù Cristo, Rivoluzione di Dio. Il tema negli ultimi decenni della teologia cattolica*. Venegono Inferiore, Varese: Scuola Cattolica, pp.326ss.

²³ Cfr. CONGAR, Y.M.-J. (1958) *Le sens de l'`économie' salutaire dans la `théologie' de S.Thomas d'Aquin* in *Festgabe Joseph Lortz*, Baden-Baden: B.Grimm, v.II, pp.79ss.

Evangelho, que abre ao homem o acesso à eternidade, através de uma economia de signos.

O mistério do Verbo feito carne constitui o fundamento da estrutura encarnacionista ou sacramental e histórica da Igreja. No tempo presente - tempo da Igreja e tempo de missão - Jesus Cristo confiou à sua Igreja o duplo ministério da palavra e do sacramento, enviando-lhe o Espírito Santo e prometendo-lhe a sua assistência até ao fim dos séculos (cfr. Mt 28, 19-20). A instrução na doutrina da fé vai unida, inseparavelmente, à administração dos sacramentos, e à própria vida da comunidade eclesial: “a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita”²⁴.

O tempo da Igreja é, pois, tempo de transmissão da Revelação, mediante acções e palavras: verifica-se um binómio de palavras e obras análogo ao observado na própria constituição da Revelação²⁵. Tanto a Igreja como a Revelação - e a sua transmissão -, mantêm o modo de existência histórica e corporal do Verbo Encarnado: a comunidade eclesial apresenta “uma grande analogia com o mistério do Verbo Encarnado”²⁶. Visível e espiritual ao mesmo tempo, o elemento de corporalidade pertence-lhe essencialmente.

Ainda que na nova economia da graça todos os aspectos sensíveis e materiais se ordenem aos espirituais - a Deus e à participação da vida intratrinitária -, a Igreja peregrina encontra-se sob a lei da encarnação. A graça interior do tempo presente é inseparável da estrutura encarnada²⁷.

Na Revelação - e na sua transmissão -, o acontecimento e a palavra que ilumina o acontecimento e o acompanha, manifestando o seu significado salvífico, tem algo de análogo à estrutura sacramental e à Encarnação do Verbo²⁸. Esta analogia não é uma casualidade, ou uma afirmação ousada, pois encontra o seu fun-

²⁴ CONC. VATICANO II, Const. *Dei Verbum*, n.8.

²⁵ Veja-se, por exemplo, ANTON, A. (1968) «Revelación y Tradición en la Iglesia: `gesta et verba' sus elementos constitutivos» in *Estudios Eclesiásticos* 43, pp.225-258. LATOURELLE, R. (1966) «Le Christ signe de la Révélation selon `Dei Verbum'» in *Gregorianum* 47, pp.685ss.

²⁶ CONC. VATICANO II, Const. *Lumen gentium*, n.8. Sobre este tema, vid. BANDERA, A. (1964) «Analogía de la Iglesia con el misterio de la Encarnación» in *Teología Espiritual* 8, pp.43-105.

²⁷ Cfr. SECKLER, M. (1967) *Le salut et l'histoire. La pensée de Saint Thomas d'Aquin sur la théologie de l'histoire*. Paris: Ed. du Cerf, p.231.

²⁸ Cfr. LATOURELLE, R. (1969) *Teología de la Revelación*. Salamanca: Sígueme, pp.361, 441 e 481-483. Sobre a íntima unidade entre o mistério da Encarnação, a Revelação e a economia sacramental, veja-se também BANDERA, A. (1964) «Analogía de la Iglesia con el misterio de la Encarnación» in *Teología Espiritual* 8, pp.100-104.

damento na própria Palavra revelada. Segundo São Paulo, Jesus Cristo é o *magnum pietatis sacramentum* (1 Tim 3, 16).

A componente sensível dos sacramentos - na sua dupla dimensão de palavras e acções - é como uma continuação do mistério da Encarnação, que o representa e o prolonga no tempo. A conexão sacramental entre palavra e gesto salvífico, realiza-se em grau sumo na Pessoa e na vida de Jesus Cristo. O Verbo Encarnado é o sacramento original no qual se nos revela plenamente a vida íntima de Deus²⁹.

A sabedoria divina dirige cada ser segundo o modo que lhe é próprio. Como é conatural ao homem chegar ao conhecimento do espiritual a partir do sensível, também o significado nos sacramentos deve expressar-se através de realidades sensíveis, analogamente a como sucede na Sagrada Escritura.

Deus doa-se livremente ao homem na Revelação - e nos sacramentos -, não de uma maneira arbitrária, mas adequando-se ao modo próprio do ser humano, mediante signos. Revelação e sacramentos podem considerar-se como duas formas diversas e análogas da divina economia que nos traz a salvação por meio de signos. Da Encarnação do Verbo, fonte de toda a graça, derivam os sacramentos propriamente ditos e a palavra revelada³⁰.

A Revelação, por ser palavra divina, possui uma eficácia própria, superior à da palavra humana. A palavra humana não pode solicitar interiormente; a palavra divina, pela graça que a acompanha, actua nas próprias faculdades do homem, pedindo a obediência da fé, mas não produz a fé *ex opere operato*, como os sacramentos.

A eficácia da palavra está condicionada pela resposta livre do homem; Deus não violenta a decisão humana. Se a Revelação se aceita com fé, leva-nos aos sacramentos, que pressupõem igualmente a fé como condição para a sua recepção frutuosa; porque, sem a fé, também os sacramentos seriam signos vazios, sem eficácia. Revelação, fé e sacramento estão intimamente unidos. A Revelação ordena-se à fé, e esta, por sua vez é necessária para a recepção do sacramento. O sacramento culmina assim o que começam a Revelação e a fé. “Por isso Cristo

²⁹ Cfr. MILANO, A. (1973) «Parola e sacramento nella teologia di S.Tommaso d'Aquino» in *Asprenas* 20, pp.181-196. Acerca do sacramento como signo e a missão reveladora do Verbo Encarnado veja-se também LAFONT, G. (1961) *Structures et méthode dans la Somme Théologique de Saint Thomas d'Aquin*. Paris-Bruges: Desclée de Brouwer, pp.307-308, 407-410 e 443; ATZEI, G. (1969) *L'Umanità di Cristo come fondamento della struttura sacramentaria*. Roma: P.Un. Lateranense, pp.50ss e pp.97ss.

³⁰ Cfr. SECKLER, M. (1967) *La pensée de Saint Thomas d'Aquin sur la théologie de l'histoire*. Paris: Ed. du Cerf, p.234.

confiou à sua Igreja um ministério duplo: a palavra e o sacramento. O Verbo dá-se-nos primeiro em forma de palavra para o recebermos finalmente em forma de Eucaristia. Véu de palavras, véu de espécies: pelos signos caminhamos para o Deus da visão”³¹.

7. MOTIVOS DE CONVENIÊNCIA DA UNIÃO ENTRE “GESTA ET VERBA”.

Embora na obra de São Tomás não existam escritos relevantes especificamente sobre a conveniência da união de palavras e de factos na economia reveladora, podemos reflectir sobre ela - ainda que brevemente - a propósito da economia sacramental; os motivos que se assinalam para esta podem aplicar-se analogamente à Revelação, pois tanto a economia sacramental como a dinâmica da Revelação se referem ultimamente - são participação - à Revelação e ao "Sacramento" em plenitude que é o Verbo Encarnado.

A união de palavras e de um elemento material - na economia sacramental - deve-se, principalmente, à sua semelhança com a Encarnação. Os sacramentos da nova lei levam em si a "imagem" do Verbo Encarnado³². A significação das coisas materiais acrescenta-se ao significado das palavras, por vezes mais esclarecedoras³³.

Outro motivo de conveniência da união de palavras e factos ou acções na economia sacramental atribui-se a que a santificação - a doação da graça - se realiza pelas palavras, de modo similar a como os mistérios de Cristo são eficazes, enquanto instrumentos unidos ao Verbo³⁴. Deus tem em conta a natureza humana - constituída de alma e corpo, e ferida pelo pecado de origem - e quer, mediante algo visível, tocar o corpo, enquanto que pela palavra gera a fé na alma³⁵.

Pode considerar-se, além disso, que as palavras são necessárias para exprimir com maior claridade o que Deus quer transmitir nesses factos ou acções. As obras nem sempre cumprem a sua missão reveladora com a clareza suficiente. São

³¹ LATOURELLE, R. (1969) *Teología de la Revelación*. Salamanca: Sígueme, p.483.

³² Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *In IV Sent.*, d.1, q.1, a.3, c.

³³ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *In IV Sent.*, d.1, q.1, a.3, c.: "significatio verborum, quae est expressissima, adiungitur significationi rerum".

³⁴ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *In IV Sent.*, d.1, q.1, a.3, c.: "Tertia ratio est, quia gratiam continent ex sanctificatione quae fit per Verbum Dei, ut dictum est".

³⁵ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* III, q.60, a.6, c; *S.Th.* III, q.60, a.7, ad 1; *In IV Sent.*, d.1, q.1, a.3, s.c.2. Neste caso não se trata da palavra entendida enquanto signo sensível, mas enquanto luz, enquanto elemento formal da Revelação. São dois planos diversos, semanticamente expressados pelo mesmo termo.

então as palavras que levantam o véu e explicam o sentido mais profundo dos factos, afastando o perigo de uma falsa interpretação das acções - nos sacramentos - ou dos eventos históricos - na Revelação -³⁶.

Contudo, a Revelação ordena-se à fé, e esta não fica no sensível, nos signos³⁷. Os factos livres e contingentes que constituem a economia estão unidos ao mistério necessário do Deus vivo, Pai, Filho e Espírito Santo.

Através dos acontecimentos iluminados pela palavra, a nossa fé está chamada a aderir ao próprio Deus, que é o nosso destino total. Não é aos factos, nem às palavras, ao que aderimos pela fé, mas a Deus que revela. Não acreditamos nos signos, mas nas realidades invisíveis das quais são veículo, e nas coisas que esperamos na Pátria e que a ela nos conduzem³⁸. A fé é germen, prelúdio da visão; não se detém nos factos narrados, dado que é teologal: alcança o próprio Deus, é incoação da própria vida divina em nós. O carácter escatológico da fé imprime-lhe uma tensão e um dinamismo rumo à posse - para além dos signos -, da realidade para a qual tendem: a visão culmina o que a Revelação inaugura³⁹.

³⁶ Cfr. ANTON, A. (1968) «Revelación y Tradición en la Iglesia: 'gesta et verba' sus elementos constitutivos» in *Estudios Eclesiásticos* 43, pp.235ss.

³⁷ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* II-II, q.4, a.1, c.; *S.Th.* II-II, q.2, a.3; *S.Th.* I-II, q.62, q.1, a.3; *Ad Hebraeos*, c.11, lc.1; *In III Sent.*, d.23, q.2, a.1, ad 4; *De Veritate*, q.14, a.2, c. y ad 9. Sobre a dimensão escatológica da fé, veja-se DUROUX, B. (1963) *La Psychologie de la Foi chez S.Thomas d'Aquin*. Paris-Tournai: 2ª ed. Desclée, pp.11-14 e 43-46; BOURGEOIS, D. (1974) «Inchoatio vitae aeterna! La dimension eschatologique de la vertu théologique de la foi chez Saint Thomas d'Aquin» in *Sapientia* 27, pp.270-273.

³⁸ Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *S.Th.* II-II, q.1, a.6, ad 1; cfr. *S.Th.* II-II, q.1, a.8, c. e q.2 e paral.

³⁹ Cfr. LATOURELLE, R. (1969) *Teología de la Revelación*. Salamanca: Sígueme, pp.527 e 174. Cfr. TOMÁS DE AQUINO, *I ad Cor.*, c.15, lc.1, n.892, ed. Marietti: "Finis autem fidei est visio Dei".